

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2



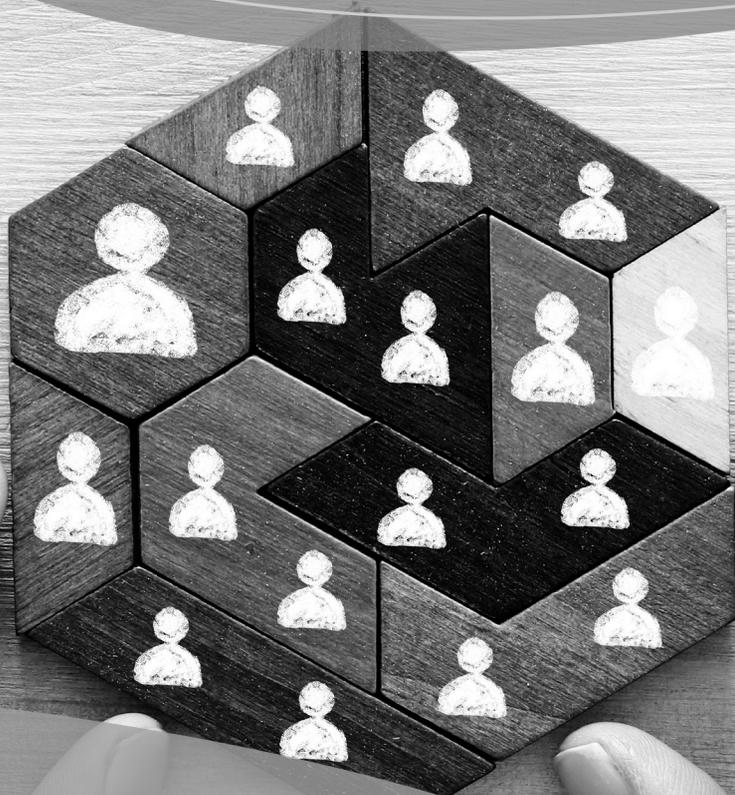
*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2



*Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)*

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Luciana Pavowski Franco Silvestre

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] :
necessidades individuais & coletivas 2 / Organizadora
Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa,
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.
Modo de acesso: World Wide Web.
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-363-7
DOI 10.22533/at.ed.637200909

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I.
Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas”, são ao todo trinta e dois artigos organizados e apresentados em dois volumes.

As pesquisas abordam temas relevantes que visam identificar, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas entre os fenômenos sociais, econômicos e políticos no atual contexto.

No primeiro volume apresenta-se quatorze artigos com pesquisas relacionadas a três eixos temáticos: Desenvolvimento tecnológico, inovação e sustentabilidade; Consumo, comunicação e informação e Educação e processos de formação voltados para a cidadania e práticas emancipatórias.

O segundo volume é composto por dezoito artigos que tratam sobre políticas públicas e gestão pública e os impactos no atendimento das demandas relacionadas a área de saúde, profissionalização, socioeducação, sistema judiciário e processos de institucionalização. Os artigos analisam também os aspectos políticos e coligações partidárias.

Os artigos possibilitam o reconhecimento e análise de maneira mais aprofundada dos temas abordados, bem como, podem contribuir para a realização de novos questionamentos e pesquisas, com aproximações sucessivas das relações sociais e desvelamento das necessidades individuais e coletivas existentes no atual contexto

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

SUSPENSÃO DE PROCEDIMENTOS HEMODINÂMICOS: UM DESAFIO PARA A GESTÃO PÚBLICA

Alexandre Rodrigues Inácio de Azevedo

Jéferson Valente Vieira

Adriana Maria Lamego Rezende

Renato Cruz de Sousa

Ana Luísa Carneiro Pereira Gonçalves

Bráulio Lamego Resende

Fernanda Cruz de Souza

Matelane dos Anjos Rezende

DOI 10.22533/at.ed.6372009091

CAPÍTULO 2..... 14

COVID 19 COMO DOENÇA OCUPACIONAL E SEUS IMPACTOS NA ESFERA PREVIDENCIÁRIA

Letícia Vieira Mattos

DOI 10.22533/at.ed.6372009092

CAPÍTULO 3..... 25

O ROMPIMENTO DO HIATO DO GÊNERO A PARTIR DE ROTAS METABÓLICAS BIOQUÍMICAS

Maria Betânia de Oliveira Garcia

Carolina Helena Almeida Silva

Ariane Ribeiro Martins

DOI 10.22533/at.ed.6372009093

CAPÍTULO 4..... 41

AGLOMERADOS DE ALTO RISCO DE MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE TERRESTRE NO BRASIL

Érika Carvalho de Aquino

Vinícius da Silva Oliveira

Marli de Mesquita Silva Montenegro

José Maurício Botto de Barros Garcia

João Bosco Siqueira Júnior

Otaliba Libânio de Moraes Neto

DOI 10.22533/at.ed.6372009094

CAPÍTULO 5..... 58

BREVE REFLEXÃO SOBRE ADOÇÃO E A CULTURA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

Izabel Tereza Sousa Silva

Wnágylia Jéssica da Silva Pinheiro

Juliana Lara Borges Soares

Anna Gabriella Barbosa de Carvalho Silva

Cidianna Emanuely Melo do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.6372009095

CAPÍTULO 6..... 66

TURISMO E CULTURA: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DOS GRUPOS DE CARIMBÓ DE BELÉM-PA

Victor Barbosa Campos

Maria Augusta Freitas Costa Canal

DOI 10.22533/at.ed.6372009096

CAPÍTULO 7..... 78

AFETOS EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO MST

Flávia Cunha Pacheco

Carolina de Andrade Guarnieri

Luna Carulina Mendes Filgueiras

Maria Therezinha Loddi Liboni

DOI 10.22533/at.ed.6372009097

CAPÍTULO 8..... 90

ESTRATÉGIAS DE *COPING* ADOTADAS POR FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Ana Naysa Albuquerque Teixeira

Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas

Verônica de Azevedo Mazza

Maria Adelane Alves Monteiro da Silva

Etelvina Melo Sampaio

Benedita Shirley Carlos Rosa

DOI 10.22533/at.ed.6372009098

CAPÍTULO 9..... 106

CAPITAL TRABALHO E ESTADO NA POLÍTICA PÚBLICA DE NEGOCIAÇÃO COLETIVA NO AGRONEGÓCIO: TRILHAS DE UMA PESQUISA NO ESTADO DO PIAUÍ

Paula Maria do Nascimento Mazullo

Maria Dione Carvalho de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.6372009099

CAPÍTULO 10..... 119

COMO PROMOVER A REINSERÇÃO DE EX-PRESIDIÁRIOS NA SOCIEDADE DE MATO GROSSO

Hiayssa França Almeida

DOI 10.22533/at.ed.63720090910

CAPÍTULO 11..... 121

A INDEPENDÊNCIA CONGOLESA COMO UM PROCESSO DE MANUTENÇÃO DO CONSERVADORISMO SOCIAL E ECONÔMICO

Felipe Antonio Honorato

Paulo Cesar de Abreu Paiva Júnior

DOI 10.22533/at.ed.63720090911

CAPÍTULO 12.....	133
JUSTIÇA RESTAURATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA DE PAZ MEDIANTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Débora Maria Ferreira da Silva	
Francisco Mateus Pontes Pereira	
Tânia Gabriela de Sousa de Paiva	
Maria Isabel Silva Bezerra Linhares	
DOI 10.22533/at.ed.63720090912	
CAPÍTULO 13.....	144
O REGIME DISCIPLINAR DIFERENCIADO: UMA ANÁLISE DE SUA NATUREZA JURÍDICA	
Mateus Gruber	
Sarah Francine Schreiner	
DOI 10.22533/at.ed.63720090913	
CAPÍTULO 14.....	155
“FUTEBOL-BANDIDO”: OS <i>CARTOLAS DA CBF</i> E A CORRUPÇÃO NO BRASIL	
Breno Carlos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.63720090914	
CAPÍTULO 15.....	168
O DIREITO FUNDAMENTAL À PROFISSIONALIZAÇÃO DE SOCIOEDUCANDOS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM SALVADOR: ABORDAGEM CRÍTICO-ANALÍTICA	
Evandro Luís Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.63720090915	
CAPÍTULO 16.....	179
O SOCIALISMO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Rodolfo Palazzo Dias	
Eric Gil Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.63720090916	
CAPÍTULO 17.....	203
COALIZAÇÕES ORGANIZACIONAIS – RESPOSTA À CONJUNTURA DE ALTA COMPETITIVIDADE	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniel Tenconi	
DOI 10.22533/at.ed.63720090917	
CAPÍTULO 18.....	216
ANCESTRALIDADE E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE MÃE HILDA DE JITOLU	
Ayni Estevão de Araujo	
Geander Barbosa das Mercês	
DOI 10.22533/at.ed.63720090918	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	227

CAPÍTULO 18

ANCESTRALIDADE E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE MÃE HILDA DE JITOLU

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Ayni Estevão de Araujo

Faculdade de Ciências e Letras da
Universidade Estadual Paulista
Araraquara – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/8760220684526820>

Geander Barbosa das Mercês

Faculdade de Ciências e Letras da
Universidade Estadual Paulista
Araraquara – São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/9928331534214176>

RESUMO: As religiões de matriz africana no Brasil configuram-se como uma das formas de resistência da população negra à negação de sua humanidade. Nesse sentido, é fundamental, para se compreender os processos de luta da comunidade negra, entender o terreiro como importante espaço de inserção dos indivíduos em relações alternativas àquelas impostas por uma supremacia branca e masculina. Uma característica fundamental desse espaço é a matricentralidade. Ou seja, é o feminino o centro dessas formas de resistência. Propomos, neste artigo, a reflexão sobre as relações entre ancestralidade e política a partir da trajetória de Mãe Hilda Jitolu (1923-2009), grande yalorixá em Salvador, BA, que além de fundadora do Ilê Axé Jitolu, foi a grande conselheira e matriarca fundadora do Ilê Aiyê. Sob seu terreiro nasce o bloco carnavalesco, que tem por principal

prerrogativa a valorização do negro e de suas contribuições para a nação, assim, um bloco de resistência e de luta por direitos da comunidade negra.

PALAVRAS-CHAVE: Ancestralidade, política, candomblé, Ilê Aiyê, carnaval.

ANCESTRALITY AND POLITICS IN THE TRAJECTORY OF MOTHER HILDA DE JITOLU

ABSTRACT: The Afro-Brazilians' religions constitute a form of African-American's resistance to denial of their humanity. In this sense, it is essential to understand the struggles of the black community to understand the "terreiro" like an important space for the insertion of individuals in alternative relationships and the variables imposed by white and male supremacy. A fundamental characteristic of this space is matricentrality. That is, it is the feminine the center of these forms of resistance. In this article, we propose a reflection on the relationship between ancestry and policy based on the trajectory of Mãe Hilda Jitolu (1923-2009), a great religious leader in Salvador, Bahia, founder of Ilê Axé Jitolu. She was a great advisor and founding matriarch of Ilê Aiyê.

KEYWORDS: Ancestrality, policy, candomblé, Ilê Aiyê, carnival.

1 | INTRODUÇÃO

Na Diáspora, as religiões de matriz africana têm um papel político fundamental, para além do âmbito religioso. Elas se configuram como uma das formas de resistência

da população negra à negação de sua humanidade. Nesse sentido, é fundamental, para se compreender os processos de luta da comunidade negra, entender o espaço do terreiro como responsável por inserir os indivíduos em relações alternativas àquelas impostas por uma supremacia branca e masculina, configurando-se como uma forma particular de organização social e política, como ressaltam Carneiro e Cury (2008b). Uma característica fundamental desse espaço é a matricentralidade. Ou seja, é o feminino o centro dessas formas de resistência.

Neste artigo, refletimos sobre as relações entre ancestralidade e política a partir da trajetória de Mãe Hilda Jilotu (1923-2009), grande yalorixá em Salvador, BA, que além de fundadora do Ilê Axé Jitolu, foi a grande conselheira e matriarca fundadora do Ilê Aiyê (primeiro bloco afro no Brasil, fundado em 1º de novembro de 1974). Sob seu terreiro nasce esse bloco carnavalesco, que tem por principal prerrogativa a valorização do negro e de suas contribuições para a nação, assim, um bloco de resistência e de luta por direitos da comunidade negra.

Mãe Hilda também foi responsável por uma das maiores ações sociais da Liberdade (bairro de Salvador): a fundação de uma escola de alfabetização, que recebeu seu nome em 1988. A partir 1995, engaja-se em vários projetos de capacitação de jovens daquela região. Na escola, que atualmente funciona na sede do bloco, além do conteúdo programático, as crianças têm aulas extracurriculares (percussão, por exemplo) e aprendem sobre a importância do Ilê e a atuação dos negros na historiografia nacional.

2 | AXÉ JITOLU

Mãe Hilda nasceu em 06 de janeiro de 1923, na Quinta das Beatas, no bairro do Brotas, atual Cosme Faria na cidade de Salvador. Hilda dos Santos chegou ao Curuzu aos 13 anos, onde cresceu e viveu durante sua vida toda. Desde a tenra infância, esteve ligada ao Candomblé. Assim, sua trajetória de vida mesclou-se com a própria religião e com o bairro da Liberdade.

Em 1950, casou-se com o alfaiate e fiscal da Prefeitura, Valdemar Benvindo dos Santos, com quem teve cinco filhos: Antônio Carlos, Hildelte, Vivaldo, Hildemária (falecida em 2003) e Hildelice. Todos criados sob os ensinamentos sagrados do Candomblé:

Mãe Hilda é filha de Obaluaiyê, que vem do reino Abomey, lá do Daomé, rei do povo Ewé, que vem de Savalu e fala língua fon. Mãe Hilda tem proteção de Oxum, que juntamente com o velho Obaluaiyê têm a presidência de sua cabeça - seu ori. Oxum vem do Reino Yorubá, que nasceu no Golfo do Benin, hoje República da Nigéria. (Cadernos de Educação, 2009, p.19-20).

Obaluaiyê é o senhor da cura espiritual e carnal. Seus mitos fazem referência a seu poder de cura, e narram que suas feridas se transformaram em pipoca, a flor do Candomblé. A pipoca é um dos elementos usados no ritual religioso que o Ilê faz durante o Carnaval. Já Oxum é a senhora das águas doces, da ternura, sabedoria e de beleza

inigualável. Tem em seus mitos referências a grandes quantidades de ouro. É vaidosa e se veste de amarelo ouro.

Cabe ressaltar que os Orixás que regem um terreiro são fundamentais para o entendimento de como os cultos são conduzidos. Eles dão a cada espaço sagrado marcas próprias, pois cada divindade tem qualidades próprias e específicas. Como cada uma tem desdobramentos e informações mais complexas, fazemos aqui somente breve menção. Por isso, falamos de Oxum e Obaluaiyê de forma genérica, ressaltando apenas suas características principais.



Figuras 1 e 2: Obaluaiyê e Oxum (Ilustrações de Carybé)

Mãe Hilda foi uma pessoa muito amada pelos seus filhos de fé. Detentora de uma sabedoria que emanava da lida cotidiana, teve sua vida atrelada à religião, sendo iniciada ainda jovem, aos 20 anos de idade, em dezembro de 1942, quando recebe o nome de Jitolu. Seu pai de santo, Cassiano Manoel Lima, era de nação Jeje. Após reunir sua família de santo, ela funda seu terreiro, no dia 06 de janeiro de 1952. Nascia assim o espaço sagrado do Ilê Axé Jitolu.

Mãe Hilda é figura fundamental para entender o bloco Ilê Aiyê, pois era a grande conselheira, a matriarca fundadora. Jacilda Trindade de Jesus Teles dos Santos, mais conhecida como Jaci, produtora do Ilê, relembra: “Ela era presente em todos os momentos! [...] Se ela não viesse para cá nós iríamos até ela” (Entrevista concedida em 10 de julho de 2015, na Senzala do Barro Preto, sede do Ilê Aiyê). Sob esse terreiro nasceu o Ilê Aiyê, que depois de 40 anos, passou a ser sediado na Senzala Barro Preto.

A escola fundada pela yalorixá funciona atualmente na Senzala do Barro Preto, a poucos metros do Ilê Axé Jitolu. Durante nossa visita à sede do Ilê Aiyê, em julho de 2015, pudemos conhecer as instalações da escola. O ensino é voltado para as crianças do Ensino Fundamental I (de 1 a 5 anos) e os alunos são todos moradores das mediações da Liberdade. Além do conteúdo programático, eles recebem aulas extracurriculares, como de percussão. Em conversa com a diretora pedagógica Hildelice e com Jacilda, podemos perceber algumas nuances desse projeto escolar.

O projeto é mantido com a verba dos associados, ou seja, as pessoas que pagam

para participar do bloco Ilê Aiyê, no carnaval. A diretora Hidelice afirma que a escola não tem fundamento religioso: “não tem nada a ver, [...] a religião a gente separa” (Entrevista concedida em 14 de julho de 2015). Assim, todas as crianças da comunidade podem ter acesso. Os pais não têm custo algum e, sobre isso, Jacilda complementa: “Nada é cobrado, esses cursos são gratuitos. A escola também não é cobrada. É só a presença que é exigida!” (Ibidem).

Cabe ressaltar que, em visita a uma das salas, todos os alunos levantaram-se e com uma canção agradeceram nossa presença. Todo esse projeto teve suas bases fundamentais pensadas pela matriarca. E, em sua homenagem, no Carnaval de 2004, o Ilê Aiyê a homenageou com o tema: “Mãe Hilda: guardiã da fé e da tradição africana”. Na ocasião, o bloco comemorava 30 anos de fundação. Uma das canções foi “Mãe Preta”:

Mãe preta

Trinta anos de fé

Dos quais destinados

Ao culto do candomblé

Euá colonaê didewá nagô

Agô agolonã

Eki maior didewá nijeô.

(Mãe Preta, Bloco Ilê Aiyê, 2004).

Como essa, foram criadas várias músicas-poesia em sua homenagem. Jaci, na entrevista citada, recorda: “Lembro dela sentada lá, em cima do trio, na cadeirinha dela [...] ela era um pilar”.

Em 19 de setembro de 2009, Mãe Hilda faz sua passagem ao *órun*: falece devido a problemas cardíacos. Até hoje, às segundas, em homenagem ao Orixá Obaluaíyê e Hilda, os filhos de fé do Ilê vestem branco. Em seu terreiro, seu posto foi substituído por sua filha Hidelice, consagrada a Nanã e a Oxalá.



Figuras 4 e 5: Nanã e Oxalá (Ilustrações de Carybê)

O Ilê Aiyê, que nasce sob a regência do Candomblé do Ilê Axé Jitolu, tem como principal finalidade enaltecer a comunidade negra. Para além da escola, o Ilê propõe vários outros projetos socioculturais, como a Escola Profissionalizante, a Escola de Percussão da Banda Erê e a Noite da Beleza Negra, que culmina com a eleição da Deusa do Ébano. Em visita à sede do Barro Preto, recebemos um exemplar de seu acervo bibliográfico, que nos permitiu entender um pouco mais sobre o bloco e suas ações. Contudo, pelo fato de o material não ter sido catalogado, tomamos por referência o site oficial e as informações coletadas em campo para apresentar os projetos sociais do bloco.

Segundo o site oficial do Ilê, a Escola profissionalizante foi criada em 1997, com apoio do Governo do Estado da Bahia, da Petrobrás e da Secretaria de Desenvolvimento e Combate à Pobreza do Estado da Bahia. Diversos cursos são oferecidos, como confecção em couro e tecidos; eletricista instalador predial; ajudante de cozinha nível I e II; informática; telemarketing; treinamento industrial para costureiras, dentre outros. No portal eletrônico, o Ilê justifica a necessidade dos projetos:

Ao observar a crescente dificuldade dos jovens em capacitar-se para o mercado de trabalho, o Ilê Aiyê resolveu ampliar suas atividades na área pedagógica criando uma Escola que permitisse a estes jovens acesso a uma formação profissionalizante, de forma gratuita, e dessa forma aumentando suas possibilidades de realização pessoal e profissional (Portal do Ilê Aiyê, 2015).

Em 1992, o Ilê criou a Escola de Percussão Banda Erê, um projeto de capacitação e formação musical para crianças e adolescentes que recebem cursos de História Afro-Brasileira; Interpretação e Linguagens; Ritmos Musicais; Canto; Dança e Saúde do Corpo. Esse projeto, que tem como objetivo renovar o quadro artístico da Band´Aiyê, não se limita a atuações apenas locais, mas também, segundo o site oficial: “ tem em seu currículo apresentações em cidades brasileiras como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, além de já ter realizado uma turnê internacional na Alemanha e na França” (Portal do Ilê Aiyê, 2015).

A Banda Erê tem um bloco carnavalesco cujo objetivo é construir uma identidade racial das crianças da Liberdade/Curuzu, no sentido de fazê-las conhecer e preservar os valores afro-brasileiros e, ao mesmo tempo, integrá-las à festividade do carnaval. Assim, no bloco, as crianças desenvolvem sua autoestima na medida em que dançam, cantam e se vestem de acordo com as tradições afro-brasileiras. Ainda com o intuito de fortalecer suas vivências, no dia das crianças, comemorado no dia 12 de outubro, o Ilê realiza o “Festival Erê”, que ocorre anualmente para as crianças da Liberdade e dos bairros adjacentes.

De modo geral, os princípios e valores que orientam os projetos de extensão pedagógica do Ilê são: respeito, solidariedade, valorização e patrimônio. O respeito aos mais velhos é entendido como um suporte do bom comportamento, fator que garantirá a preservação das tradições religiosas afro-brasileiras. Somente assim, a defesa do povo negro será garantida com a prestação de solidariedade às diversas lutas sociais. A valorização da comunidade negra proporcionará a difusão de modo positivo da sua cultura e história. E por fim, a manutenção do patrimônio musical é a força da entidade como agremiação carnavalesca. Com tais prerrogativas, o Ilê difunde a cultura negra na sociedade, visando agregar os afro-brasileiros à luta contra as mais diversas formas de discriminação racial, resgatar a autoestima e formar a consciência crítica dos jovens e crianças.

Também com o intuito de promover a autoestima, o Ilê criou a Noite da Beleza Negra, um concurso cuja principal finalidade é enaltecer a mulher negra. O concurso surge da necessidade de reverter os estigmas e estereótipos que perpassam a construção da identidade da mulher negra que, ao longo da historiografia tradicional, tem sido subalternizada e sexualizada. Neste trabalho, não faremos uma análise profunda de categorias como: corpo, sexo, mulher. Apenas apresentaremos o concurso e suas principais diretrizes. Nosso intuito é somente mostrar a contribuição do Ilê de romper com esses padrões de inferiorização.

A noite da Beleza Negra desconstrói o padrão de beleza branco forjado ao longo de toda a historiografia nacional, ao recriar os concursos de beleza para aclamar a mulher negra. Para a revista O Mondo (2016), esse é “o maior concurso de beleza negra do Brasil” (O MONDO, 2016, p. 40).

No ano de 2016, o Ilê realizou a 37ª noite da Beleza Negra, sediada na Senzala do Barro Preto. A cerimônia foi apresentada por Arany Santana e Sandro Teles, com a supervisão de Vovô (Antônio Carlos dos Santos, fundador do bloco). O evento foi realizado no dia 16 de janeiro e provocou um verdadeiro *frisson* na Liberdade. As candidatas se submeteram a uma entrevista avaliadora dos coordenadores do concurso, que elegeram as finalistas. Nesse ano, quinze mulheres concorreram ao título de rainha do bloco.

Assim que as candidatas são selecionadas, é organizada uma comitiva com a imprensa local para apresentá-las ao público. Todas elas, durante o concurso, são tratadas igualmente, independentemente de sua profissão, formação acadêmica ou condição

socioeconômica: são tradas como rainhas. As verdadeiras pérolas da Liberdade.

A coroação da rainha do bloco, conhecida como Deusa do Ébano, ocorre na cerimônia da Noite da Beleza Negra. Uma grande estrutura é montada na Senzala do Barro Preto para receber a todos que querem prestigiar o evento. E assim, muitas celebridades locais e nacionais vão até a Liberdade para prestigiar um dos momentos mais importantes do Ilê. As candidatas são avaliadas por seletor júri, que, em 2016, foi composto por Jorge Portugal, professor, poeta e secretário de Cultura da Bahia; Osman Augusto, secretário de Cultura de São Francisco do Conde; Mirtes Santana Rosa, publicitária; Gilmar Sampaio, coreógrafo e dançarino; Nadir Nóbrega, coreógrafa e dançarina; e Carla Lopes, coreógrafa; e Amélia Conrado, coreógrafa e dançarina (O MONDO, 2016).

Durante a apresentação, uma a uma, as candidatas desfilam e dançam ao som dos grandes sucessos do Ilê Aiyê tocados pela Band´Aiyê. Nesta celebração, todas foram “vestidas com esmero por estilistas que valorizam materiais naturais, padrões de tecido da estética afro, elaborados enfeites na cabeça, trançados e outros adereços” (O MONDO, 2016, p. 40), que ressaltavam ainda mais a beleza das quinze finalistas.

Depois de todas as apresentações, começaram as premiações dos 3º, 2º e 1º lugares, que receberam um troféus e prêmios em dinheiro, que variavam de 2 a 3.600 mil reais. Em 2016, o Concurso teve seu grande momento, quando, em meio a expectativa geral, foi anunciado o nome de Larissa de Oliveira como Deusa do Ébano. Como foi publicado no jornal O Mondo, “Larissa tem 22 anos é moradora de Cajazeiras, foi escolhida pelos jurados e com grande apelo do público” (O MONDO, 2016, p. 42).

Em suma, esse festival é importante porque, além de valorizar a mulher, recria um novo padrão de beleza segundo o qual a mulher negra não é sexualizada, ridicularizada ou inferiorizada. Trata-se de colocar a mulher negra como principal fonte de inspiração para o Ilê e, conseqüentemente, para a comunidade local. Durante um ano, a vencedora é tratada como uma verdadeira rainha, viajando com a Band´Aiyê e estando junto ao grupo em todas as suas ações sociais, culturais e políticas.

3 | ANCESTRALIDADE E POLÍTICA

Conforme Theodoro (2008), Nagô (iorubá) é uma denominação genérica de grupos advindos do sul e do centro do Daomé e do sudeste da Nigéria. Foram esses os últimos grupos africanos a se estabelecerem no Brasil entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. Configurando-se, naquele momento, como uma cultura sem território, formaram-se associações (*egbé*), conhecidos como roças ou terreiros, nos espaços urbanos. De acordo com Elbein dos Santos (2012), o terreiro mais antigo que se tem conhecimento (onde se instalou o primeiro culto público a Xangô) situava-se na Barroquinha, posteriormente transferido para o Engenho Velho (ambos os locais em Salvador, BA). Beatriz Nascimento (2008) destaca:

Entre 1808 e 1835, o sistema iorubá se impõe(...). Anteriormente, a prática da religião restringia-se ao culto particular ou familiar dos ancestrais, ou então aos quilombos, nos quais também era praticado secretamente. O candomblé se organiza, então, em época de plena vigência do movimento dos hauçás ou malês [islamizados]. Ao se expandir, o culto se alia à estrutura cristã, como forma de se salvaguardar não apenas diante da repressão dos brancos, como também diante da fé muçulmana. (NASCIMENTO, 2008, p. 86)

Theodoro (2008) destaca ainda que a persistência das comunidades-terreiros (*egbé*) garantiu a expansão dos cultos afro-brasileiros em todo o território nacional, embora haja uma grande diversidade de práticas litúrgicas. Assim, mesmo com a presença de elementos cristãos em muitos rituais e regiões do país, como fortemente se percebe em terreiros de Umbanda, por exemplo, a matriz de referência é africana.

Nas comunidades de terreiro, um aspecto fundamental é a matricentralidade, como é notável na trajetória de Mãe Hilda. Essa característica, por sua vez, é reflexo do fato de que antes do advento do islã e do cristianismo na África, a maior parte das sociedades africanas tinha caráter matricêntrico, e as mulheres ocupavam, de inúmeras maneiras, lugares de protagonismo nas estruturas de poder (DIOP, 2014). Nesse sentido, compreender a estrutura e funcionamento, dessas comunidades implica, em grande medida, o conhecimento da figura feminina dentro sistema mítico atualizado nos ritos e liturgias.

Na cosmovisão na qual essa religião se fundamenta, a mulher é entendida como terreno fértil, corpo que carrega a ancestralidade, o passado e a possibilidade de futuro, a matéria de onde tudo sai, se mantém vivo, e garante a continuidade de um povo.

Na medida em que, como nos dizem Carneiro e Cury (2008a), as práticas religiosas, na Diáspora, foram uma das formas de resistência da população negra à negação de sua humanidade; é necessário tomar o candomblé como uma forma particular de organização social e política, uma vez que o terreiro inseriu e ainda insere os indivíduos em relações alternativas àquelas impostas pela sociedade de classes. Enfim, uma resistência à ideologia dominante, prática alternativa ao poder vigente. Trata-se assim da persistência de uma forma cultural, embora com elementos que foram reconstituídos, reconstruídos e transformados ao longo da história.

Assim, a trajetória de matriarcas como Mãe Hilda, em primeiro lugar, elucida sobre o papel das mulheres nos processos de resistência da população negra na Diáspora, bem como a permanência de suas tradições. Em segundo, possibilita a compreensão de como a perpetuação de tais culturas religiosas e seus valores, para os quais a ancestralidade é fundamental, é em si um processo político.

Ora, no que diz respeito à representação e construção simbólica da feminilidade a partir da mitologia iorubá e, conseqüentemente, nas relações que se dão nas comunidades de terreiros, há notáveis diferenças daquelas que fundam as sociedades ocidentais. Aspectos básicos como maternidade, sexualidade e moralidade são construídos de forma amplamente diferente em relação às sociedades ocidentais. Carneiro e Cury (2008b),

a partir da interpretação de mitos e imagens das figuras femininas nessas narrativas, mostram-nos como, na mitologia iorubá, as contradições e a complexidade são absorvidas nas divindades, ao contrário do que ocorre com as mitologias sobre as quais se sustentam as tradições religiosas judaico-cristãs, que tendem a construir representações femininas, a partir de uma chave bipartida: cabe às mulheres somente serem santas, como Maria, mãe de Jesus, cuja sacralidade do corpo implica a supressão de sua sexualidade (ela só pode dar à luz o próprio deus na medida em que sua virgindade é assegurada); ou como Maria Madalena, prostituta. Não é possível, deste modo, concentrar-se em uma mesma figura feminina a sexualidade e a sacralidade.

Ao contrário, as Orixás, como mostram Carneiro e Cury (2008b), concentram em si uma imensa complexidade. Por exemplo, Oxum, cuja representação é associada à beleza, à sensualidade, à fertilidade, à riqueza. Por um lado, ela se mostra doce, a mais bela e sedutora dos Orixás, por outro é ardilosa, esperta, e lança mão de todos seus artifícios para conseguir o que deseja ou o que acredita ser justo.

Já Iansã, traz à tona outra dimensão do feminino: como guerreira, é aquela que além de não temer a luta, carrega uma sensualidade que é agressiva. Assim, enquanto a sociedade patriarcal não comporta a insubordinação feminina, ela é mitificada no candomblé, sendo Iansã e Obá sua expressão (CARNEIRO; CURY, 2008b).

Se nas culturas ocidentais de orientação religiosa judaico-cristã, a mulher é estigmatizada como expressão de fragilidade, na mitologia dos Orixás, estamos diante de mulheres que não aceitam a superioridade masculina. Se o patriarcado reduz a sexualidade feminina apenas à procriação, as divindades africanas são ao mesmo tempo mães e amantes, como Iemanjá, mãe de todas as cabeças e Orixás, que enfeitiça os homens, os atrai ao seu grande ventre, o mar, sendo capaz de devorá-los

Naná, a mais velha, a quem pertence as águas paradas e a lama, matéria que cede para a modelagem dos homens, mas que exige de volta, é a própria circularidade. A ela é atribuída a sabedoria, a paciência, o conhecimento do tempo necessário para o amadurecimento de todas as coisas. Em sua figura há uma grave incompatibilidade com os homens, é a única entre todos os Orixás que se recusa a curvar-se ao poder de Ogum, dono de todas as ferramentas, instrumentos essenciais para a realização de qualquer culto às divindades.

Novamente, da mesma forma como a sociedade patriarcal não assume os conflitos entre os sexos, no candomblé esse conflito é base da estruturação do mundo. É ele que engendra uma constante busca pelo equilíbrio entre os sexos permeia toda a mitologia dos Orixás. Há sempre uma necessidade de o masculino controlar o feminino, o que não significa que há uma suposição dos homens de que as mulheres são inferiores, mas que aqueles reconhecem que essas são donas de potencialidades e características capazes de submetê-los. No combate sem tréguas entre homens e mulheres, as mulheres não se curvam aos homens como submissas, mas sim guerreiam com todos os artifícios que

possuem (CARNEIRO; CURY, 2008b).

Assim, quando lançamos olhar para a mitologia dos Orixás, e mais especificamente para a construção da feminilidade que essa nos traz, colocamo-nos diante de uma concepção de mundo completamente diferente e alternativa àquela imposta na sociedade em que nos inserimos e cuja lógica nos submete aos piores estigmas, aprisionando-nos na base da pirâmide social. Os valores veiculados nos mitos não condizem aos valores e princípios consagrados pelas formas de poder vigente, na medida em que o Candomblé e outras práticas religiosas reconstruídas na Diáspora inserem os indivíduos em outra lógica, que não é capitalista e nem reduz as mulheres a lugares de submissão e inferioridade.

Essa referência ancestral de feminilidade localiza a mulher como fonte circular de força e conhecimento, como Nanã; de articulação e esperteza, como Oxum; de força de guerra e insubordinação, como Obá e Iansã; e de complexidade do próprio inconsciente humano, como Iemanjá, senhora de todas as cabeças. Atributos esses, muito distantes da construção da feminilidade cristã que constrói uma feminilidade ideal calcada no controle de nossa sexualidade, na fragilidade e na subordinação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vânia Bonfim (2009) discorre sobre uma contradição inerente à identidade da mulher negra brasileira. Por um lado, ela tem uma referência civilizatória, trazida pela africana, enraizada em suas estruturas cognitivas e determinante na concepção sobre si e sobre o mundo: um entendimento de si mesma enquanto protagonista não apenas de sua própria vida, mas de sua comunidade, na qual tem um papel central. Por outro lado, essas mulheres passaram a ter uma existência reduzida à condição animalizada, dada somente à dominação, seja enquanto instrumento de trabalho, procriadora de novos corpos-objetos, ou corpo sexualizado o qual o homem branco violava marcando domínio sobre toda uma etnia-raça. É, como entende a autora, nesse espaço contraditório e tenso, que historicamente nós temos nos reconstituído.

Desse modo, se mulheres africanas tradicionalmente se encontravam organizadas, exercendo um fazer político em sociedades africanas pré-coloniais, essa agência política e lugar central nos processos de manutenção de sua comunidade mantêm-se na Diáspora por força dos novos contextos e desafios a que essas sujeitas são expostas, ainda que nesses, tal agência seja invisibilizada.

Nesse sentido, a trajetória de mãe Hilda de Jitolu é expressão da matricentralidade marcante as sociedades africanas. A matriarca cuja figura é fundamental para a continuação das tradições em sua comunidade; e, no contexto diaspórico, da garantia de sua própria sobrevivência. A liderança religiosa não se separa nessas circunstâncias da liderança política, uma vez que a conservação das tradições religiosas e, por conseguinte, dos valores comunitários de solidariedade, valorização dos mais velhos (e dos ancestrais) são

essenciais às lutas sociais da população negra.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli; CURY, Cristiane (a). **O candomblé**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

_____. (b). **O poder feminino no culto aos Orixás**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultural da África Negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica**. Luanda/Ramada: Mulemba/Pedago, 2014.

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

ILÊ AIYÊ, Cadernos de Educação - **Mãe Hilda Jitolu, Guardiã da fé e da tradição Africana**, volume 12, Salvador 2009.

_____. **O Mondo**. A revista do Ilê Aiyê. Número 04/31-Salvador, Fevereiro. 2016.

ILÊ AIYÊ. **Site oficial**. Disponível em: < <http://www.ileaiyeoficial.com/>>. Acesso em 11/11/2019.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nagô e a morte**. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

THEODORO, Helena. **Religiões afro-brasileiras**. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE - Possui graduação em serviço social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013) e Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2018). Atualmente é assistente social do Centro de Socioeducação de Ponta e tutora da especialização em Gestão Pública/RESTEC pela UEPG. Atua principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, assistência social, políticas públicas, cidadania e família.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes de Transporte Terrestre 41, 42, 44, 46, 51, 54, 55

Adoção 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 141

Afetos 78, 80, 85, 86, 87, 88, 89

Aglomerados 41

Agronegócio 106, 107, 109, 113, 114, 115, 117

Ancestralidade 216, 217, 222, 223

C

Capital 15, 67, 68, 71, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 122, 123, 126, 127, 130, 131, 147, 152, 169, 171, 173, 183, 184, 186, 188, 189, 201, 202, 207, 211, 212

Cartolas 155, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165

CBF 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167

Conservadorismo Social e Econômico 121, 123, 129

Coping 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105

Corrupção 155, 156, 159, 161, 162, 164, 166, 181

Covid 19 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Cultura de Paz 133, 136, 137, 139, 140, 141, 142

D

Direito Fundamental 133, 135, 168, 169, 172, 173, 174, 176, 177

Doença Ocupacional 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24

E

Economia Solidária 78, 79, 83, 88, 89, 182, 202

Estado 36, 47, 48, 55, 56, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 94, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 147, 149, 151, 158, 159, 160, 161, 163, 166, 168, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 204, 205, 220

Ex-Presidiários 119, 120

G

Gestão Pública 1, 11, 227

H

Hiato do Gênero 25

I

Independência Congoleza 121, 126, 129

Institucionalização 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 128, 148

J

Justiça Restaurativa 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143

M

Medida Socioeducativa 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177

Mortalidade 3, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

MST 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 199

N

Negociação Coletiva 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117

P

Política 76, 89, 147, 154, 155, 166, 167, 179

Política Pública 106, 107

Práticas Pedagógicas 133, 135

Previdência 19, 124

Procedimentos Hemodinâmicos 1, 10

Profissionalização 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177

R

Regime Disciplinar Diferenciado 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Reinserção 58, 63, 64, 119, 174

Rotas Metabólicas Bioquímicas 25, 38

S

Socialismo 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Socioeducandos 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176

T

Trabalho 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 36, 38, 40, 45, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 133, 139, 142, 146, 150, 155, 156, 164, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 181, 182, 188, 190, 191, 192, 204, 207, 208, 210, 211, 213, 220, 221, 225

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 90, 91, 92

Turismo 66, 71, 72, 76, 77

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020